

O SOLDADO DO TÚNEL

(*) CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

"Não tendo nem o hábito nem o prazer dos discursos, transmitirei apenas, pelo microfone, uma imagem de trincheira, colhida nas linhas do sul. Quero oferecê-la à sensibilidade e à meditação de meus patrícios. Eu estive diante do Túnel e vi o soldado lutando.

E o soldado não me viu, porque estava lutando. Estava integralmente lutando. Com o corpo dentro da terra, tal um bicho inferior, sua cabeça alçava-se à superfície e era como um acontecimento humano na paisagem da serra. Corpo, cabeça e fuzil faziam um só indivíduo e acusavam uma só decisão.

A princípio, meus olhos não distinguiram bem, porque da luminosidade da serra haviam passado para a escura e silenciosa trincheira. Percebia a terra cortada de fresco, os tofões ainda se esboroadando, os degraus improvisados, os ramos secos e as vigas suspensas sobre nossas formas tateantes. Caminhávamos. Tropeçávamos. E onde a luz não guiava, porque era ausente, giou-nos o ruído seco, metálico, pontuado, das armas que detonavam. Foi então que eu vi o soldado — que eu senti o soldado, desenhando-se vantagens na estreita fita de luz coada pela abertura, onde havia a paisagem e havia o cano da arma.

Aproximei-me daquela coisa grave e serena. Ele não percebeu. O olho na alça de mira, o pensamento no alvo, o mundo para ele era o morro fronteiro, mancha verde, onde devia haver uma trincheira espiando; a vida estava inteira naquele instante, e não havia nem marchas passadas nem caminhadas futuras. Havia um fuzil, um alvo, um morro. Tudo era extremamente simples, nenhuma estilização, nenhuma contigência e nenhum cálculo. O soldado estava lutando, estava sinceramente, profundamente lutando.

(*) *A Polícia Militar, instituição encarregada da proteção e socorro do cidadão e da comunidade, é tecido do próprio organismo social. Para cumprir sua missão, relaciona-se com todas as camadas da sociedade, órgãos, entidades, instituições. Não há um só cidadão que não tenha, de alguma forma, contactado com a Corporação, em algum momento de sua vida. A PMMG é uma instituição presente no cotidiano do povo mineiro e na sua história. E não é só isso. A Corporação encana os anseios, o "pathos", a alma e o caráter deste povo. Os caminhos de Carlos Drummond de Andrade, nosso poeta maior, cruzam os da Corporação, nos idos de 1932, durante a Revolução Constitucionalista. O escritor, à época, exercia as funções de Chefe do Gabinete do Secretário de Estado de Interior, Gustavo Capanema e, juntamente com este, esteve em vista de inspeção aos diversos setores da região do Túnel. Chegando a Belo Horizonte, Carlos Drummond de Andrade proferiu este cintilante discurso que, pela riqueza de imagens e pela descrição realística do caráter da PM de Minas, merece figurar como documento fundamental da historiografia policial-militar.*

Roei-lhe com as mãos o cáqui do braço. Inclinei o rosto sobre o seu ombro esquerdo e vi o Túnel. A 500 metros de distância, a boca negra dormitava na base da colina, entre colinas que fechavam o horizonte e das quais saíam fogos, para as quais partiam fogos. A presença humana denunciava-se naquelas alturas pelo zzz capcioso das balas, numa parábola instantânea. Mas na serra enorme eu via apenas um homem, feito de pau, de ferro, de substâncias indiferentes, um ser sem necessidade e sem desvios, agindo certo, visando reto, atirando firme. Eu via o soldado lutando.

Cá em baixo, estavam as linhas menos batidas pela artilharia, estava o repouso nas barracas, as alegrias noturnas do bar, a vida multiforme dos dias comuns, dos dias que mesmo neste instante, são possíveis, quando se vive longe da trincheira e não se ouve o zzz de um besouro traiçoeiro. Cá em baixo, estava a rua cheia de músicas e vestidos, estavam também as imagens do amor, uma lâmpada acesa dentro de uma casa e um relógio que marca as horas, e um prato de sopa deixando subir a tranqüila fumaça e os olhos ingênuos do filho e os olhos repousados da esposa. Estava a vida, para a qual só há um adjetivo, qualquer que ela seja: maravilhosa. Mas o soldado não via nada disso, porque estava lutando.

Eu descí o morro, fazendo comigo o recorte daquela figura imensa, destacando-se na serra como uma árvore ou uma torre. Eu trouxe para o meu trabalho miúdo e medíocre a admiração daquele soldado perfeito, anônimo e formidável, que lá está lutando na serra — e são milhares, e cobrem uma linha que vai do sul ao triângulo e é a linha do nosso absoluto dever — trouxe-o para que ele enriquecesse o meu espírito e ensinasse o meu caminho. Vendo-o, pensando nele, procurando compreendê-lo, como é fácil viver este momento que o destino fraçou a Minas Gerais. Todos os deveres são claros. As responsabilidades são nítidas. Mineiros estão lutando lá longe, nas alturas, aonde não chegam os boatos nem se insinuam as vacilações. E como poderíamos deixar que eles lutassem e fôssemos ficando aqui, inertes, ridículos, pequeninos, fazendo o comentário malicioso dos telegramas, tecendo hinos desvirilizados à pacificação, dançando cinicamente o nosso tango ou distribuindo perversamente o nosso derrotismo?

Vamos ser, como esse soldado, diretos e positivos. Se não suportamos todos o peso do seu fuzil nem temos todos a sua pontaria, muita coisa há em nós que se eleva como um heroísmo e se abre como um devotamento. Vamos correr o mesmo risco. Há mil maneiras de corrê-lo. Nos trabalhos subsidiários da campanha, nos serviços obscuros, na propaganda, na diligência, no fervor e na preocupação de servir-nos também podemos lutar pela causa desse soldado. Seremos, é certo, mais humildes, porque do alto da Mantiqueira ele domina todo o Estado de Minas Gerais, e insere, na nossa "geografia cordial", um ponto de infinita significação humana — mas seremos também soldados e lutaremos também".